

A Mesa da Palavra explicada

Pároco Albino Reis

Domingo XVII do Tempo Comum - Ano C – 27.07.2025

V Dia Mundial dos Avós e dos Idosos

1ª leitura – Gênesis 18, 20-32

Salmo – Salmo 137 (138)

2ª leitura – Colossenses 2, 12-14

Evangelho – Lucas 11, 1-13

O Evangelho de hoje começa com um pedido simples e profundamente humano: «Senhor, ensina-nos a rezar». Não é um pedido académico. É o grito daqueles que se deparam com o mistério da vida e sentem que falar com Deus não é instintivo – é aprendido, cultivado, desejado. Curiosamente, este pedido é feito por um dos discípulos, alguém que já viu Jesus a rezar. Em outras palavras, a oração de Jesus provocou sede.

Vivemos tempos em que muito se fala de espiritualidade, mas pouco se reza. Embora muitas vezes falemos sobre Deus, achamos difícil falar *com* Deus. Ou melhor: falamos de meditação, bem-estar interior, energia positiva... mas tudo isto raramente implica alguém a quem se dirige, uma relação com um "Tu". A oração cristã, como Jesus a ensina, não é um monólogo ou um exercício mental: é relação. E começa com uma palavra ousada: Pai.

Dizer "Pai" é entrar numa confiança que não é garantida por instinto ou mérito. É reconhecer que Deus é (está) próximo, é bom, é alguém a quem podemos recorrer sem vergonha. Mas.... acreditamos nisso? Ou será que temos uma imagem de Deus como um juiz difícil de agradar, um ser distante que se cansa de nós?

Jesus, no Evangelho, desmonta esta ideia. Dá exemplos humanos: se um pai não dá uma cobra ao seu filho que lhe pede peixe, como pode Deus recusar o Espírito Santo àqueles que o pedem? Isto é revolucionário. Porque Jesus não nos promete que Deus nos dará tudo o que pedimos como se cumpríssemos caprichos. Promete algo mais importante: que nos dê o Espírito, isto é, a força e a sabedoria para percorrer a vida com sentido, mesmo quando não compreendemos os caminhos que ela percorre...

Hoje é talvez o momento de nos perguntarmos: como está a nossa oração? Está viva e dinâmica ou está morta, é automática e distraída? É diálogo ou é recitação? Tem espaço na nossa agenda ou é empurrada para as sobras de tempo? E mais ainda: o que pedimos a Deus? Pedimos o essencial — como o Espírito Santo — ou o supérfluo e desnecessário? Se calhar, como disse Jesus, rezamos mal e não sabemos pedir...

Na carta aos Colossenses, São Paulo recorda-nos que em Cristo já fomos perdoados, já fomos libertados daquilo que nos condenava. Este é o dom maior: a reconciliação com Deus, que nos permite viver a oração não como um fardo, mas como uma graça. Aqueles que sabem disso, rezam de uma maneira diferente e vivem de forma diferente.

Hoje, celebramos também a memória de São Joaquim e Santa Ana, os pais de Maria, e por isso avós de Jesus. A Sagrada Escritura não nos diz muito sobre eles, mas a Tradição reconheceu neles a importância da transmissão da fé entre gerações. Neste dia, instituído pelo Papa Francisco como o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, somos convidados a olhar com gratidão para os nossos avós. Não é apenas uma homenagem sentimental. É, sobretudo, um convite a reconhecer o valor daqueles que, tendo vivido mais, podem iluminar o caminho dos mais novos com a sua experiência, com a sua fé provada, com a sua presença.

Vivemos numa cultura que tem dificuldade em lidar com a velhice. A lógica dominante valoriza a produtividade, a juventude, a imagem, a rapidez. E quem já não produz tanto, quem já não tem a energia de outros tempos, é facilmente descartado. Quando começam a depender, incomodam e são anestesiados com televisão e comprimidos, só para não incomodarem. Quando a memória falha, quando o corpo se dobra, pesam mais do que valem e são institucionalizados ou abandonados, mesmo tendo filhos e netos vivos... Mas para Deus não é assim. No olhar de Deus, os idosos não são restos. São raízes. São a memória viva das famílias. São a ponte entre o ontem e o hoje.

E na Igreja? Uma Igreja que não escuta os anciãos é uma Igreja com Alzheimer espiritual.

Por isso, hoje não basta agradecer aos avós. Não bastam discursos bonitos sobre eles. É preciso construir comunidades onde eles tenham voz. Onde se sintam úteis, amados, necessários. Onde possam dar o que ainda têm — e receber o que precisam.